

## CONCHAS E BÚZIOS CONCHAS E BÚZIOS CONCHAS E BÚZIOS

Ricardo Filho <sup>1</sup>

**RESENHA:** RUI, Manuel. Conchas e Búzios. Ilustrações: Mauricio Negro. Prefácio e notas: Benjamin Abdala Junior. São Paulo: FTD, 2013.

**RESUMO:** (Resenha) RUI, Manuel. Conchas e Búzios. Ilustrações: Mauricio Negro. Prefácio e notas: Benjamin Abdala Junior. São Paulo: FTD, 2013.

**ABSTRACT:** (Review) RUI, Manuel. Conchas e Búzios. Illustration: Mauricio Negro. Foreword and notes: Benjamin Abdala Junior. São Paulo: FTD, 2013.

**RESUMEN:** (Reseña) RUI, Manuel. Conchas e Búzios. Ilustraciones: Mauricio Negro. Prefacio y notas: Benjamin Abdala Junior. São Paulo: FTD, 2013.

**PALAVRAS-CHAVE:** Manuel Rui, Mauricio Negro, Literatura Africana.

**KEYWORDS:** Manuel Rui, Mauricio Negro, African Literature.

**PALABRAS CLAVE:** Manuel Rui, Mauricio Negro, Literatura Africana.

Algumas expressões de nossa língua são muito interessantes. Quando, por exemplo, dizemos que algum prato está muito gostoso, às vezes acrescentamos que aquilo deveria ser comida de joelhos. A forma metafórica de aludir à qualidade do alimento poderia se aplicar, de forma similar, à leitura

---

1 Escritor, mestre e doutorando em Letras pela USP. Membro do Grupo de Estudos PLCCJ Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens da Universidade de São Paulo

dos contos presentes em *Conchas e Búzios*. São para serem saboreados, lidos com calma, vagarosamente, de joelhos. Cada um deles traz significativa força poética e reproduz atmosfera lírica das mais comoventes. O poeta Manuel Rui faz-se presente na prosa, a poesia está em cada um dos sete relatos aqui contados, convida-nos a refletirmos sobre a vida, costumes. Há ternura, graça, bom humor.

Em *A semente*, a figura da avó, contadora de histórias é evocada, foi ela quem relatou o que se sucede. Huambo, província de Angola, cacimbo (inverno), chove sem parar. O vento, zangado, quer saber a causa do aguaceiro, acusa a chuva de, irresponsavelmente, estragar as plantas, destruir o alimento das crianças. Discutem vento e chuva, um contra o outro, vento contra a chuva. O sol aparece por entre as nuvens e culpa os dois. Agora são três discutindo: chuva, vento e sol. À noite um quarto elemento entra no debate: a lua. É quando chega a semente de milho, com frio e a tremer. Reclama que nenhum dos quatro tem razão. Ninguém é mais do que o outro, tem mais culpa, porque só se pode viver uns com os outros. Chuva, vento, sol e lua. Todos aceitam aquela ideia. Afinal, não se é mesmo melhor do que ninguém. No ano seguinte houve muita comida na aldeia. E foi a avó quem contou: “o pirão de milho quente com suanga (purê de folhas de mandioca) estava bom demais!”.

No conto *A tartaruga*, a necessidade de preservação de um animal ameaçado de extinção é colocada em foco:

Tartaruga é boa gente

Tartaruga é muito antiga

Só mata quem não sente

Que ela é muito nossa amiga.

Os meninos, Jó, Mindo e Nino cantam com força a música e o mata-tartarugas baza (foge). E as crianças voltam para casa iluminadas pela luz de um pirilampo.

Em *O Papagaio, os Caçadores e o Leão*, há um papagaio que anda na escola dele, a de aprender as diversas falas. Ouvir com atenção e aprender. Escutava um homem falar e aprendia a fala dele, a onça, o javali, girafa, hiena, imitava bem até o elefante. E o papagaio na escola dele. Aprendendo todas as falas dos bichos, cantares dos pássaros, a música das rãs. Quando um leão é perseguido pelos caçadores, e tiros não o acertam, fazendo com que se esconda na floresta, ele imita um leão em cima das árvores e assusta os homens que fogem. No final o rei da selva é gozado pelo papagaio. Mostrando a força da inteligência e da astúcia.

É quando nos deparamos com *A formiga no mar*, que o poder lírico de Manuel Rui mais se evidencia. Zinha, a menina e sua lata de areia, fazendo casas de brincar e a formiga, a navegar uma concha. “– Alô, mar! Alô! Toma conta da formiga e deixa ela navegar muito”.

Em *A pedra*, um conselho dado ao menino, Kapapelo: “– Vê bem onde te sentas!”. Um descuido e o garoto se vê sentado sobre uma jiboia.

Ler *A manga* é comover-se com a história da nascente amizade entre dois meninos, um deles muito pobre, que vai à escola sem ter mata-bichado (tomado café da manhã). O garoto mais rico divide sua manga com o mais pobre e combinam de se encontrarem no dia seguinte.

– Por quê? – quer saber o mais pobre.

– Gosto de comer manga contigo.

Uma cadeira vai a uma farra (festa) em *Era uma vez*. Vale a pena ver como ela consegue se divertir e evitar carregar o peso de gente gorda, impedindo que alguém se sente nela própria.

Há que se destacar o trabalho de ilustração de Mauricio Negro, o texto visual traz a atmosfera africana para o relato. Cor, mistério, beleza.